

Inclusão e Educação

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-029-2

DOI 10.22533/at.ed.292191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Tecnologia – Educação. I. Machado,
Danielle H. A. II. Cazini, Janaína. III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 25 capítulos do volume I, apresenta os novos conhecimentos científicos e tecnológicos para a área da saúde especial das modalidades da saúde intelectual e mental, num viés da genética e a visão da psicopedagogia sobre a educação especial, a transição das Políticas Públicas para a educação especial e as transformações sob análises a partir da realidade local.

A Educação por Inclusão engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas tecnológicas nas áreas do Ensino, Novas Tecnologias Específicas, Psicopedagogia, Psicanálise, Educação, Políticas Públicas Brasileiras das Institucionais e Regionais que visam o aumento benéfico e produtivo na qualidade do ensino e desenvolvimento do aluno especial. Além disso, a crescente demanda por conceitos e saberes que possibilitam um estudo de melhoria no processo de participação e aprendizagem à educação inclusiva aliada a necessidade de recursos específicos.

A junção de pesquisas e a modernização da tecnologia compõem um contexto de educação inclusiva nas diversas modalidades da inclusão.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume I é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência e dificuldade psicológica de aprendizagem na perspectiva das Institucionais Regionais do Brasil, mais precisamente, as participações das Políticas Públicas Brasileiras Educacionais. Trazendo artigos que abordam experiências do ensino e aprendizagem no âmbito escolar, desde as séries iniciais até prática de ensino em psicologia com idosos. Assim, aos componentes da esfera educacional que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente especial.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores às práticas educacionais, às contribuições da genética e da psicanálise a quem ensina, aos alunos especiais na transição da escola regular sob um olhar da psicopedagogia e aos educadores que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA META 4	
<i>Maria do Carmo de Sousa Severo</i>	
<i>Érica Nazaré Arrais Pinto Pereira</i>	
<i>Joiran Medeiros da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915011	
CAPÍTULO 2	10
EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ADULTOS: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA E DA ANDRAGOGIA	
<i>Mônica Campos Santos Mendes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915012	
CAPÍTULO 3	16
EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: EXPANSÃO E CONTRADIÇÕES (2003 – 2014)	
<i>Cleiton Leite Barbosa</i>	
<i>Afrânio Vieira Ferreira</i>	
<i>Sandy Andreza de Araujo Lavor</i>	
<i>Jeanne D'arc de Oliveira Passos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915013	
CAPÍTULO 4	26
“PRECISAMOS SER COMO CAMALEÕES?”: EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ENSINO EM PSICOLOGIA COM IDOSOS	
<i>Edivan Gonçalves da Silva Júnior</i>	
<i>Maria do Carmo Eulálio</i>	
<i>Almira Lins de Medeiros</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915014	
CAPÍTULO 5	42
A APRENDIZAGEM EM QUESTÃO: CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E DA PSICANÁLISE A QUEM ENSINA	
<i>Juliana dos Santos Rocha</i>	
<i>Virgínia Dornelles Baum</i>	
<i>Marlene Rozek</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915015	
CAPÍTULO 6	57
A PERSPECTIVA INCLUSIVA PARA O FORTALECIMENTO DA RESSOCIALIZAÇÃO DE ASSISTIDOS DA CENTRAL DE ALTERNATIVAS PENAIAS DO CEARÁ – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Dafna Maria da Silva Ricardo</i>	
<i>Débora Rocha Carvalho</i>	
<i>Aline Maria Barbosa Domício Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915016	

CAPÍTULO 7 66

APRENDIZAGEM E ESCOLARIZAÇÃO EM FOCO: UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

Virginia Dornelles Baum
Juliana dos Santos Rocha
Marlene Rozek

DOI 10.22533/at.ed.2921915017

CAPÍTULO 8 81

AS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS, VOLTADAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO

Ana Cristina de Carvalho
Edicléa Mascarenhas Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.2921915018

CAPÍTULO 9 86

A INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: IMPLANTAÇÃO DE POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Iris Mara Guardatti Souza
Regina Cohen
Patrícia Lameirão Campos Carreira
Angélica Fonseca da Silva Dias
Rita de Cássia Oliveira Gomes
Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior
Mônica Pereira dos Santos
Jean-Christophe Houzel

DOI 10.22533/at.ed.2921915019

CAPÍTULO 10 97

DESAFIOS FORMATIVOS VIVENCIADOS E SUPERADOS PELOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE AGRESTINA - PE PARA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Cicera Mirelle Florêncio da Silva
Maria Aline de Macedo Silva Mendes

DOI 10.22533/at.ed.29219150110

CAPÍTULO 11 107

ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA ESTADUAL NA CIDADE DE CALDAS NOVAS NOS ÚLTIMOS 13 ANOS

Jullyana Pimenta Borges Gonçalves
Rosângela Lopes Borges
Marcos Fernandes Sobrinho
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.29219150111

CAPÍTULO 12 120

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA CIDADE DE CRATO-CE: O USO EM CONTEXTO RELIGIOSO

Luiza Valdevino Lima
Francisco Edmar Cialdine Arruda
Martha Milene Fontenelle Carvalho
Ana Patricia Silveira
Daniela Valdevino Lima

DOI 10.22533/at.ed.29219150112

CAPÍTULO 13..... 131

O PAPEL DA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP) COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

Joselito Elias de Araújo
José Vinícius do Nascimento Silva
Pedro Eduardo Duarte Pereira
Flávia Aparecida Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150113

CAPÍTULO 14..... 141

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E MUDANÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A QUESTÃO DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA PERNAMBUCANA

Lúcia de Fátima Farias da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150114

CAPÍTULO 15..... 150

UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO NAS PESQUISAS ACADÊMICAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA BAHIA

Julimar Santiago Rocha
Maria da Conceição Alves Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.29219150115

CAPÍTULO 16..... 163

FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Débora Rocha Carvalho
Deldy Moura Pimentel
Terezinha Teixeira Joca
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.29219150116

CAPÍTULO 17..... 172

NAS TESSITURAS DA LEI 10.639/03: DIÁLOGOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL

Aparecida Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150117

CAPÍTULO 18..... 181

O DIREITO A EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA A PARTIR DO CONTEXTO DOS JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE

Daniel de Souza Andrade
Andréia Alves de Oliveira
Edneide Nóbrega do Rêgo
Elânia Daniele Silva Araújo
Janaina Dantas dos Santos
Lidyane Gomes Mendonça da Silva
Maria José Elaine Costa Silva Pereira
Marlene Eneas da Silva Falcão
Sônia Maria de Lira
Verônica Remígio da Silva e Lima

DOI 10.22533/at.ed.29219150118

CAPÍTULO 19	191
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ROTINA DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA	
<i>Maikson Damasceno Machado</i>	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
<i>Eliata Silva</i>	
<i>Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150119	
CAPÍTULO 20	202
UMA REFLEXÃO SOBRE A POLITICA EDUCACIONAL INCLUSIVA NO BRASIL	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150120	
CAPÍTULO 21	213
AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO	
<i>Scheilla Conceição Rocha</i>	
<i>Cândida Luisa Pinto Cruz</i>	
<i>Rita de Cácia Santos Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150121	
CAPÍTULO 22	224
UMA HISTÓRIA DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DE UM ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RUA	
<i>Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo</i>	
<i>Edivânia Paula Gomes de Freitas</i>	
<i>Leandra da Silva Santos</i>	
<i>Kelli Faustino do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150122	
CAPÍTULO 23	234
CIDADANIA E DIREITOS NO AMBIENTE ESCOLAR: FORMANDO CIDADÃOS, TRANSFORMANDO REALIDADES ATRAVÉS DO ESTUDO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS	
<i>João Maria Cardoso e Andrade</i>	
<i>Joana Paula Costa Cardoso e Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150123	
CAPÍTULO 24	244
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRÁTICAS NO COTIDIANO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS	
<i>Clemilda dos Santos Sousa</i>	
<i>Fernanda Nunes de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150124	
CAPÍTULO 25	255
TRILHANDO OS CAMINHOS DA INCLUSÃO: A CRECHE COMO PRIMEIRO ESPAÇO	
<i>Sára Maria Pinheiro Peixoto</i>	
<i>Edileide Ribeiro Pimentel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150125	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	269

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA CIDADE DE CRATO-CE: O USO EM CONTEXTO RELIGIOSO

Luiza Valdevino Lima

Universidade Regional do Cariri
Crato-CE

Francisco Edmar Cialdine Arruda

Universidade Regional do Cariri
Crato-CE

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte
Crato-CE

Ana Patricia Silveira

Secretaria Municipal de Educação de Crato –
CE
Crato-CE

Daniela Valdevino Lima

Universidade Regional do Cariri
Crato-CE

RESUMO: A origem deste estudo resultou da necessidade de se esclarecer a respeito da Sociolinguística das Línguas de Sinais, mais precisamente da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Escolhemos a Sociolinguística por ter sido uma das disciplinas da grade curricular vista no curso de Letras e que muito nos interessou. A ideia de dissertar a respeito da Língua brasileira de sinais se deu devido a uma curiosidade pessoal sobre como esta acontece dentro da comunidade surda, bem como o fato

de possuir contato com a Pastoral dos Surdos da Diocese de Crato. O objetivo desse estudo é demonstrar o uso da Libras na Cidade de Crato dentro de um contexto religioso, no caso a Igreja Católica. O campo delimitado para a realização da coleta dos dados foi o âmbito religioso, dessa forma tem-se as variações da Libras dentro de um pequeno grupo. Para o embasamento teórico utilizamos as seguintes referências: da Sociolinguística foi feita a leitura de Bagno (2011), Camacho (2006), Mollica (2003), e Saussure (1916). Já da área da surdez nos baseamos em Gesser (2009), Ferreira-Brito (1990) e Quadros&Karnopp (2004). A metodologia utilizada foi registros de imagens das interpretações com os intérpretes. A coleta dos dados nos mostrou que de fato existem variações em Libras. Esta pesquisa é de grande importância, pois contribuirá para um melhor esclarecimento das crenças a respeito da Libras e também por demonstrar que existem variações também nas línguas de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Libras; Variação; contexto religioso

ABSTRACT: The origin of this study had resulted from need to clarify about sociolinguistics of Sign Languages, more specifically the Sign Brazilian Language – Libras. We choose the sociolinguistics because it was one of the disciplines from course schedule seen on

Letters course which we had so much interest. The idea to dissertate about Sign Brazilian Language had came because of a personal curiosity about how this one happens inside deaf community, as well the fact of to be in touch with the Pastoral of deaf from Diocese of Crato inside a religious context, in that case, the Catholic Church. The delimited field for the data collect was the religious scope, this way the variations exist inside a small group. For theoretical basement we used the following references: On sociolinguistics, it was made the reading of Bagno (2011), Camacho (2006), Mollica (2003), and Saussure (1916). In the deaf area we based ourselves in Gesser (2009), Ferreira-Brito (1990) and Quadro&Karnopp (2004). The methodology used was image registers of interpretations with the interpreters. The data collect showed us that in fact, there are variations in Libras. This research is really important, since it will contribute for a better clarification of the believes about Libras and also to demonstrate that also exist variations in Sign Languages.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Libras; Variation; Religious context

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido a respeito do estudo das línguas de sinais ao longo dos anos, percebe-se que elas vieram conquistaram espaço e atualmente são reconhecidas linguisticamente em cada país. A língua de sinais do Brasil, definida como Língua Brasileira de Sinais (Libras), é a forma de comunicação e expressão oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil. (BRASIL, 2002). Praticada por vários indivíduos da sociedade como a segunda língua oficial do Brasil, porém, apesar de sua implantação há mais de uma década ainda é pouco difundida na sociedade.

Nessa pesquisa iremos abordar sobre a Sociolinguística da Libras, ou seja, tem-se como principal foco perceber quais relações que a Língua Brasileira de Sinais estabelece com a sociedade que a utiliza. Como problemas, delimitamos o seguinte: existem variações em Libras? Como ocorrem essas variações?

O trabalho em questão objetiva demonstrar pequenas ocorrências de variações dentro da Língua Brasileira de Sinais. Delimitamos como campo de trabalho as religiões, sendo nesta pesquisa, a católica e a evangélica. Consideramos essa pesquisa de grande relevância, pois através dela poderemos entender melhor e mais claramente algumas crenças relacionadas à pessoa com surdez. Considerando que pessoa com surdez é “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”. (BRASIL, 2005).

Além disso, essa pesquisa proporcionará ao leitor descobrir que a Libras, assim como qualquer outra língua natural, possui sua pluralidade linguística, e que realmente existe variação.

METODOLOGIA

A pesquisa se classifica como descritiva-exploratória, que como nos afirma Gil (2008, p. 41-42),

[...] Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. [...] As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Portanto, essa pesquisa caracteriza-se descritiva porque contém descrições sistemáticas de fatos e características dos dados coletados, e exploratória porque busca se familiarizar com um assunto.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas pesquisa de campo, visto que se trata de uma pesquisa sociolinguística é necessário obter o sinal em execução. Além disso, foram realizadas leituras de textos e livros para o embasamento da organização do artigo. Portanto, o delineamento da pesquisa trata-se de pesquisa de campo bem como bibliográfica, classificando-se também como um estudo de caso, pois trabalha apenas com um caso específico.

A pesquisa foi realizada na igreja católica Nossa Senhora da Penha, localizada no centro da cidade de Crato, sendo os sujeitos envolvidos para a pesquisa, dois intérpretes. Para a realização da pesquisa foi escolhido o Salmo¹ 22 cuja indicação de numeração diverge em algumas publicações, aparecendo em algumas com a numeração 23. Este salmo foi escolhido porque é bastante conhecido. As bíblias utilizadas para a pesquisa foram Ave-Maria, que classificamos como a Bíblia 01, na versão católica, na qual a numeração do Salmo é 22, enquanto a Bíblia 02, denominamos Nova Versão Internacional (NVI), da igreja evangélica, que nessa versão o salmo é o de número 23. Do Salmo foram retirados cinco substantivos que diferem nas duas bíblias, porém possuem o mesmo significado. Vejamos abaixo as duas versões do Salmo e os cinco substantivos escolhidos, os quais estão destacados em caixa alta na (TABELA 1).

Bíblia 01	Bíblia 02
1. O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta;	1. Salmo de Davi. O Senhor é meu pastor, nada me faltará;
2. Em verdes PASTAGENS me faz repousar e me conduz a águas tranquilas;	2. Em verdes PRADOS ele me faz repousar. Conduz-me junto às águas refrescantes;
3. Restaura-me o VIGOR. Guia-me nas VEREDAS da justiça por amor do seu nome;	3. Restaura as FORÇAS de minha alma. Pelos CAMINHOS retos ele me leva, por amor do seu nome;

1 Cântico ou canto sacro dos hebreus e dos cristãos. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/salmo/>>. Acesso em 29 de agosto de 2016.

4. Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo; a tua VARA e o teu CAJADO me protegem;	4. Ainda que eu atravesse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo. Vosso BORDÃO e vosso BÁCULO são o meu amparo;
5. Preparas um banquete para mim à vista dos meus inimigos. Tu me honras, ungiendo a minha cabeça com óleo e fazendo transbordar o meu cálice;	5. Preparais para mim a mesa à vista de meus inimigos. Derramais o perfume sobre minha cabeça, e transborda minha taça;
6. Sei que a bondade e a fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver	6. A vossa bondade e misericórdia hão de seguir-me por todos os dias de minha vida. E habitarei na casa do Senhor por longos dias

Tabela 1 - Bíblia Ave-Maria e Bíblia Nova Versão Internacional

Fonte: Elaborada pela autora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há muito tempo se vem estudando as relações entre língua e sociedade. Essa linha de estudo tem sido foco de pesquisa de muitos linguistas que procuram entender a língua tal como ela é. O linguista Ferdinand de Saussure, ao definir o conceito de língua, afirmou que ela não pertencia aos seus falantes, ele defendia a língua como um fenômeno social da linguagem, pois “ela [a língua] é uma parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. (SAUSSURE, 1916, p. 22). Diante dessa afirmação, percebe-se que a língua possui uma relação intrínseca com a sociedade, sendo possível estudar as relações existentes entre ambas. Essas relações são estudadas por uma parte específica da linguística, a Sociolinguística que, segundo Mollica (2003, p. 9), “a Sociolinguística é uma subárea da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades”, ou seja, é uma disciplina cujo objeto de estudo é a língua relacionada à sociedade. Esta subárea da Linguística objetiva estudar as variações que ocorrem na língua, devido seu uso não ser homogêneo por todos os seus falantes. Podemos considerar que a Sociolinguística estuda as variações que ocorrem nas línguas. De acordo com Camacho (2006, p. 50),

Dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam do mesmo modo, assim como um único falante raramente se expressa da mesma maneira em duas diferentes circunstâncias de comunicação. Sendo assim, o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão às diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares.

O que autor afirma é que toda e qualquer língua possui diferenciações no modo de falar. Portanto, não se pode negar a pluralidade linguística das línguas, visto que cada língua possui suas variações, sejam elas de quaisquer natureza.

Sobre línguas, remetemos a ideia das línguas de sinais que permeiam o mundo e quando se fala em línguas de sinais é preciso fazer menção às crenças que existem sobre essas línguas. Essas crenças surgem devido a essas línguas, na maioria das vezes, serem desconhecidas por aqueles que não possuem contato com os indivíduos surdos.

Primordialmente torna-se necessário classificar a língua de sinais como língua, pois muitos estão alheios a essa legitimação e não a identificam como tal. Encontramos aqui uma crença, pois a língua de sinais possui um status linguístico há muitos anos, apesar de ter tido essa legitimação desconsiderada em 1800 com a aparição do método oral puro². Gesser (2009, p. 27) ainda declara que “Linguisticamente, pode-se afirmar que a língua de sinais É língua porque apresenta características presentes em outras línguas naturais e, essencialmente, porque é humana.” (Grifo e negrito da autora). Com base nessa afirmação podemos notar que a língua de sinais é língua e não são apenas gestos isolados ou mímicas e, assim como outras línguas, a Libras possui uma gramática própria com suas regras estruturais.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua utilizada no Brasil pelos surdos brasileiros e ouvintes que interagem com os surdos. No Brasil, configura a Libras como língua oficial utilizada pelos indivíduos surdos para se comunicarem entre si ou com ouvintes. (BRASIL, 2002). De acordo com essa lei, o Brasil possui oficialmente duas línguas, o português e a Libras, sendo dessa forma um país bilíngue:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Além dessas crenças, existe uma que será mais focada nesta pesquisa, que trata da unidade linguística da Libras. Muitos ouvintes acreditam que a Libras é única e imutável, porém esse pensamento é equivocado e advindo do mito da unidade linguística em qualquer outra língua oral. Ainda citando Gesser (2009, p. 39), o qual faz uma breve discussão a respeito dessa crença,

Portanto, dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, na mesma proporção em que é inverdade dizer que todos os surdos usam a mesma LIBRAS. Afirmar essa unidade é negar a variedade das línguas, quando de fato nenhuma língua é uniforme, homogênea.

Vale ressaltar que a crença da unidade linguística não é exclusiva da Libras, pois, como podemos observar na citação acima, trata-se também de um mito em relação a todas as línguas. Esse é um dos mitos que foi discutido por Bagno (2011, p. 27), no qual afirma em seu livro que “o monolinguismo é uma ficção”.

Em suma, podemos concluir que a Libras é de fato uma língua, pois é reconhecida

2 O método oral puro foi um método que surgiu em 1800 no Congresso de Milão. Esse método aparecia muitas vezes com esse nome para se diferenciar do método gestual, pois o método oral puro exclui o uso de gestos. (Soares, 1999)

por lei, possui uma gramática própria, não é universal, visto que cada país possui a sua própria língua de sinais. Sabe-se também que a Libras não apresenta uma unidade linguística, pois assim como o português, ela possui suas variações, que são abordadas nesse trabalho. Enfim, muitas são as crenças no mundo das línguas de sinais, porém impossível mencioná-las.

É importante destacar, por conseguinte, a estrutura linguística das línguas de sinais. Vale lembrar que a estrutura das línguas de sinais difere da estrutura das línguas orais, isso acontece porque as línguas de sinais são independentes das línguas faladas e também por seu canal comunicativo ser diferenciado. Os aspectos linguísticos de uma língua podem apresentar semelhanças, porém não podem ser completamente idênticas.

Na Língua Portuguesa (LP) tem-se os níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Na Libras, também teremos esses níveis, com a diferença de que nesta língua a modalidade é gestual-visual ou espaço-visual e aquela é oral-auditivo. Em outras palavras, a LP se utiliza da fala e da audição enquanto que na Libras se fala com as mãos e se ouve com os olhos. Sabendo disso adentremo-nos mais afundo na estrutura linguística da Libras.

A Língua Brasileira de Sinais tem sua estrutura gramatical baseada em alguns parâmetros que unidos formam o sinal. De acordo com Ferreira-Brito (1990, p. 23),

“os parâmetros existentes são 5: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), direção do movimento (DM), orientação da mão (Or) e expressões não-manuais (ENM)”.

A configuração de mãos é a forma que a mão assume na realização do sinal. Na Libras o sinal pode ser representado por alguma letra do alfabeto ou número ou outra forma, no total existem na Libras 64 configurações de mão. Como mostramos na (TABELA 2).



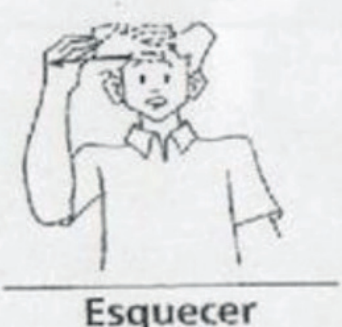
Configuração das mãos	Configuração	Sinal
 <p>Pesquisa em libras Escolha a configuração de mão</p>	 <p>Trabalhar</p>	<p>Sinal para trabalhar: configuração em L na frente do corpo.</p>
	 <p>Esquecer</p>	<p>Sinal para esquecer; configuração 62 localizado na testa.</p>

Tabela 2: Configuração das mãos e exemplos de sinais em Libras.

Fonte: Elaborado pela autora.

O ponto de articulação, segundo Gesser (2009, p. 17) refere-se ao lugar da ocorrência do sinal, podendo ser uma parte do corpo ou o espaço neutro.

Nos exemplos acima podemos ver o ponto de articulação em cada sinal realizado. O sinal TRABALHAR foi feito na frente do corpo, ou seja, o ponto de articulação é o espaço neutro enquanto que o sinal ESQUECER é realizado na testa, tendo esse local como ponto de articulação.

Outro parâmetro é o movimento que pode ou não estar presente na realização do sinal, ou seja, há sinais que não fazem movimento e outros sim. A direção do movimento diz respeito ao sentido que o sinal irá seguir (para cima, para baixo, esquerda, direita) por consequência a inversão dessa direção, em alguns sinais, poderá mudar o significado do sinal. Abaixo temos dois exemplos de sinais que possuem movimento e outros sem movimento. (TABELA 3).

Com movimento	Sem movimento
 <p>Rir</p>	 <p>Em-pé</p>



Tabela 3. Exemplos de sinais com e sem movimento.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida temos a orientação da palma da mão que é a direção que a palma da mão aponta na realização do sinal. Por fim, dentre esses parâmetros mínimos, há as expressões não manuais. Segundo Gesser (2009, p. 18),

As mãos não são o único veículo usado nas línguas de sinais para produzir informação linguística. Os surdos fazem uso extensivo de marcadores não manuais. Diferentes dos traços paralinguísticos das línguas orais (entonação, velocidade, ritmo, sotaque, expressões faciais, hesitações, entre outros).

Portanto, as expressões não manuais tratam-se das expressões faciais e corporais. Esse parâmetro é muito importante nas línguas de sinais, pois será através dele que o surdo irá perceber o sentido do que está sendo dito. As expressões faciais podem, segundo Quadros & Quadros e Karnopp (2004, p. 60), “ser: afirmativas, negativas, de tristeza, de alegria, de preocupação e etc. Essas expressões não manuais são considerados elementos gramaticais da Libras”.

Em conclusão, sabemos que esses 5 parâmetros fazem parte da estrutura da Língua brasileira de Sinais. Esses parâmetros fazem parte da fonologia da Libras, são os pares mínimos que farão a diferença nos sinais. O estudo desses 5 parâmetros é interessante, pois mostrará melhor e mais detalhadamente como os sinais são formados na Libras.

Diante dessas bases teóricas podemos por fim analisar os sinais constatados durante a pesquisa. Ao observarmos as gravações dos substantivos tanto do Salmo 22 quanto a versão do salmo 23, constatamos que os sujeitos 1 e 2 utilizaram o sinal de CAMPO para se referirem as palavras pastagens, prados e veredas. Outro sinal igual que notamos foi o de FORÇA, utilizado pelos dois sujeitos fazendo referência a vigor e forças. Notamos também similaridade na realização do sinal CAMINHO para se referir a palavra caminhos. Dando continuidade percebemos semelhança também na realização do sinal para bordão, nessa interpretação percebemos que os sujeitos não tinham um sinal correspondente em Libras para essa palavra, nesse caso ambos fizeram a datilologia, ou seja, soletraram a palavra “bordão” utilizando o alfabeto manual da Libras. Por fim os intérpretes pesquisados fizeram o mesmo sinal para referir-se a palavra báculo.

Diante dessas descrições podemos inferir que a interpretação, na maioria das

vezes, depende muito dos sinônimos, ou seja, se duas palavras são sinônimas no português elas podem possuir o mesmo sinal em Libras. Nesse caso, torna-se imprescindível que o intérprete disponha de um bom acervo de vocabulários. Tomemos como exemplo as palavras na LP: vigor e forças, sabemos que essas palavras são sinônimas, tanto é que na interpretação de ambas constatamos apenas um sinal. Isso nos leva a entender porque na maioria das vezes existe apenas um sinal para duas ou mais palavras.

A seguir traremos análises de percepções das realizações dos sinais que os interpretes demonstraram ter conhecimento diferente.

A primeira constatação é o sinal para a palavra vara. O sujeito 1 realiza um sinal com as seguintes características: mão configurada em O; faz uso das duas mãos; o ponto de articulação é a frente do corpo; orientação da mão para dentro; movimento em diagonal, nesse movimento uma das mãos sobe e a outra desce. Já o sujeito 2 utiliza outro sinal: mão configurada em O; orientação da mão para a esquerda; ponto de articulação é o espaço neutro do lado direito; utiliza apenas uma mão; movimento único para a frente. A variação que percebemos aqui é de nível fonético-fonológica, pois o que variou foram apenas os parâmetros da Libras. Notamos que os parâmetros ponto de articulação, orientação da mão e movimento variaram de um intérprete para o outro.

Na sequência temos a palavra cajado que interpretamos da seguinte forma: o sujeito 1 sinaliza utilizando as características seguintes: mão configurada em O; orientação para a esquerda; espaço neutro do lado direito; movimentos contínuos e circulares; uma mão. O sujeito 2: mão configurada em O; orientação para a esquerda; espaço neutro do lado direito; movimento para cima e outro para baixo; uma mão. Novamente nessa realização de sinal obtemos uma variação mínima, apenas de parâmetro, nesse caso, o movimento do sinal. Percebemos que o intérprete 1 utilizou movimentos circulares, enquanto que o intérprete 2 fez um movimento que sobe e desce, como se estivesse desenhando no ar a imagem do sinal.

CONCLUSÃO

Com a apuração e análise dos dados podemos notar que o uso da Libras é diferenciado até mesmo em pequenos grupos como é o caso da Pastoral dos Surdos³, que é constituída por um grupo inserido da igreja que se reúne pra atender aos surdos. A análise dos dados nos mostrou que o uso da Libras necessita ter a sua ampliação em meio à sociedade, pois notamos que muitos sinais são desconhecidos até mesmo pelos surdos. Percebemos que esta pesquisa é de grande importância, pois contribuirá para um melhor esclarecimento das crenças a respeito da Libras e também

3 A pastoral dos surdos é um movimento de evangelização dos surdos. Realizado por voluntariados (Surdos e ouvintes).” Disponível em <<http://blog.cancaonova.com/maosqueevangelizam/2009/06/23/historia-da-pastoral-dos-surdos-no-brasil/>>. Acesso em 29 de agosto de 2016.

por demonstrar que o uso dessa Língua Brasileira de Sinais precisa de um lugar mais amplo na sociedade da qual fazem parte os ouvintes e também pessoas com surdez..

As pesquisas sobre a sociolinguística da Libras é uma área que possui poucos trabalhos desenvolvidos. Durante a pesquisa notamos que os surdos, muitas vezes, não aceitam as variações, eles acreditam que o sinal está errado. Porém é preciso mostrá-los que esses sinais considerados errados, são variações. É necessário estudar mais as relações que a Libras possui com a sociedade. Também necessitamos de mais estudos que falem a respeito das variações da Libras, pois existem muitos sinais que variam de uma unidade federativa para outra, ou até mesmo entre as pessoas surdas.

A Libras, apesar de ser reconhecida por lei, ainda necessita muito ser expandida dentro da sociedade para que todos a conheçam e possam se comunicar com as pessoas surdas que também fazem parte da sociedade. Torna-se necessário que a lei seja seguida, para que todos possam interagir verdadeiramente com a comunidade surda no Brasil.

Concluimos com esse estudo que as variações existentes são mínimas, mas que são notáveis. Entendeu-se que a forma escolhida para sinalizar também é uma variação, pois se tratando de sinais, os parâmetros mudam conforme o intérprete sinaliza. Vimos que apenas o uso ou não uso das duas mãos configura-se uma variação.

Aspiramos que essa pesquisa contribua para o esclarecimento dos leitores que vierem a ter e que estes possam encontrar nesse estudo motivos para pesquisar mais a respeito da Língua Brasileira de Sinais e suas relações com a sociedade. Esperamos ainda que esse trabalho possa contribuir para que a Libras seja bastante divulgada e praticada e que a sociedade brasileira a conheça e a respeite.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é? Como se faz?** 54 edição. Ed. Loyola. São Paulo, 2011.

BRASIL. Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em 31 de agosto de 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em 31 de agosto de 2016.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras.** 5 ed. Vol. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB.** Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-43, 1990.

GESSE, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Artmed Editora S.A. São Paulo, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 19

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-029-2

